

Adversidades na infância entre escolares autodeclarados como LGBTQ+



Childhood adversities among self-identified LGBTQ+ students

Adversidades en la infancia entre estudiantes que se autodefinen como LGBTQ+

Micael Franco Alves^a

Franciele Marabotti Costa Leite^a

RESUMO

Objetivo: Identificar as prevalências de adversidades na infância entre os escolares autodeclarados LGBTQ+.

Método: Estudo transversal descritivo, com base na Pesquisa Estadual de Saúde do Adolescente Capixaba (PESC), realizada em 63 escolas públicas e privadas de ensino médio na Região Metropolitana da Grande Vitória, Espírito Santo. A amostra foi composta por 949 adolescentes LGBTQ+, com idades entre 14 e 19 anos, selecionados por amostragem probabilística estratificada. A coleta de dados ocorreu entre março e dezembro de 2023, por meio do Questionário Internacional de Experiências Adversas na Infância (ACE-IQ), adaptado e validado para o Brasil. As análises estatísticas incluíram frequências absolutas, relativas e intervalos de confiança de 95% (IC95%).

Resultados: Foram identificadas altas prevalências de abuso emocional (78,6%), abuso físico (55,2%), abuso sexual (49,8%), exposição à violência familiar (78,8%) e separação ou divórcio parental (57,4%). A exposição à violência foi expressiva tanto no ambiente domiciliar quanto na comunidade, com 45,1% dos adolescentes relatando ter presenciado espancamentos fora de casa e 21,2% convivendo com alguém que já foi preso.

Conclusão: As adversidades vivenciadas por essa população destacam sua vulnerabilidade e os impactos negativos no desenvolvimento psicológico e social. Tais vivências refletem os efeitos da LGBTQ+ fobia estrutural, reforçando a urgência de políticas públicas inclusivas e programas de apoio que promovam equidade e reduzam os danos ao longo da vida.

Descritores: Adolescente; Violência; Pessoas LGBTQ; Experiências adversas da infância.

ABSTRACT

Objective: To identify the prevalence of childhood adversities among self-identified LGBTQ+ students.

Method: Descriptive, cross-sectional study based on the *Pesquisa Estadual de Saúde do Adolescente Capixaba (PESC)* [State Survey on Adolescent Health of Espírito Santo], conducted in 63 public and private high schools in the Greater Vitória Metropolitan Region, Espírito Santo, Brazil. The sample comprised 949 LGBTQ+ adolescents aged 14 to 19 years, selected through stratified probabilistic sampling. Data collection took place between March and December 2023, using the Adverse Childhood Experiences International Questionnaire (ACE-IQ), adapted and validated for Brazil. Statistical analyses included absolute and relative frequencies and 95% confidence intervals (95% CIs).

Results: A high prevalence of emotional abuse (78.6%), physical abuse (55.2%), and sexual abuse (49.8%) was found, along with exposure to family violence (78.8%), and parental separation or divorce (57.4%). Exposure to violence was significant both at home and in the community, with 45.1% of adolescents reporting witnessing beatings outside the home and 21.2% living with someone who had been incarcerated.

Conclusion: The adversities experienced by this population underscore their vulnerability and the negative impacts on psychological and social development. Such experiences reflect the effects of structural LGBTQ+ phobia, reinforcing the urgent need for inclusive public policies and support programs to promote equity and reduce long-term harm.

Descriptors: Adolescent; Violence; LGBTQ Persons; Adverse Childhood Experiences.

RESUMEN

Objetivo: Identificar las prevalencias de adversidades en la infancia entre estudiantes autodeclarados LGBTQ+.

Método: Estudio transversal descriptivo, basado en la Encuesta Estatal de Salud del Adolescente Capixaba (PESC), realizada en 63 escuelas secundarias públicas y privadas de la Región Metropolitana de Grande Vitória, Espírito Santo, Brasil. La muestra estuvo compuesta por 949 adolescentes LGBTQ+, con edades entre 14 y 19 años, seleccionados mediante muestreo probabilístico estratificado. La recolección de datos se llevó a cabo entre marzo y diciembre de 2023, mediante el Cuestionario Internacional de Experiencias Adversas en la Infancia (ACE-IQ), adaptado y validado para Brasil. Los análisis estadísticos incluyeron frecuencias absolutas, relativas e intervalos de confianza del 95% (IC95%).

Como citar este artigo:

Alves MF, Leite FMC. Adversidades na infância entre escolares autodeclarados como LGBTQ+. Rev Gaúcha Enferm. 2025;46(esp1):e20250075. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2025.20250075.pt>

^a Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Vitória, Espírito Santo, Brasil.

Resultados: Se identificaron altas prevalencias de abuso emocional (78,6%), abuso físico (55,2%), abuso sexual (49,8%), exposición a la violencia familiar (78,8%) y separación o divorcio parental (57,4%). La exposición a la violencia fue significativa tanto en el entorno familiar como en la comunidad, con un 45,1% de los adolescentes que informaron haber presenciado golpizas fuera del hogar y un 21,2% que convivían con alguien que había estado encarcelado.

Conclusión: Las adversidades vividas por esta población destacan su vulnerabilidad y los impactos negativos en su desarrollo psicológico y social. Tales experiencias reflejan los efectos de la LGBT+fobia estructural, reforzando la urgencia de políticas públicas inclusivas y programas de apoyo que promuevan la equidad y reduzcan los daños a lo largo de la vida.

Descriptores: Adolescente; Violencia; Personas LGBT; Adversidades en la infancia.

■ INTRODUÇÃO

As adversidades na infância referem-se a eventos vivenciados no ambiente familiar ou no contexto social da criança incluindo abuso, negligência e disfunções familiares, capazes de gerar sofrimento e impactar negativamente a saúde física, mental e o desenvolvimento social. Esses eventos podem apresentar diferentes graus de intensidade e geralmente possuem um caráter crônico⁽¹⁾. Estudos sobre experiências adversas na infância e seu impacto na saúde na vida adulta têm demonstrado que essas adversidades estão relacionadas a consequências negativas em diversas dimensões, abrangendo maiores problemas físicos, psicológicos, cognitivos, comportamentais, sociais e emocionais⁽²⁾.

É importante destacar que essas adversidades não se restringem exclusivamente à infância, podendo se estender, e até mesmo se intensificar ao longo da adolescência. Esse período, caracterizado por intensas transformações físicas, psicológicas e sociais⁽³⁾, pode ser também um momento em que novas adversidades surgem ou se sobrepõem às já vivenciadas na infância. Situações como disfunções familiares, abuso, negligência e exclusão social, conforme definidas e mensuradas pelo Questionário Internacional de Experiências Adversas na Infância (ACE-IQ), compreendem vivências como violência doméstica presenciada, convivência com familiares dependentes químicos ou com transtornos mentais, abuso físico, emocional e sexual, negligência afetiva e material (como ausência de alimentação ou supervisão), além de contextos de violência comunitária ou separação parental. Essas experiências podem persistir ou se intensificar na adolescência, comprometendo o desenvolvimento saudável e ampliando o risco de impactos negativos ao longo da vida⁽⁴⁾.

Sabe-se que há uma relação significativa entre adversidades na infância e a piora nas condições de saúde ao longo da vida, especialmente no que se refere à saúde mental na idade adulta⁽²⁾. Indivíduos expostos a experiências adversas na infância apresentam um risco aumentado de desenvolver transtornos mentais em comparação àqueles que não passaram por essas situações, sendo que a probabilidade desses transtornos se manifestarem cresce conforme a intensidade e a duração da exposição a essas adversidades⁽⁵⁾.

Quando se trata das adversidades de adolescentes pertencentes à comunidade LGBT+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais,

Travestis, Transexuais e outros), o cenário pode ser ainda mais desafiador. Inseridos em um contexto social frequentemente estruturado por normas heteronormativas, esses adolescentes enfrentam obstáculos adicionais, como rejeição familiar, *bullying* e discriminação, que podem intensificar os impactos negativos já associados às adversidades infantis⁽⁶⁾.

No Brasil, a Pesquisa Nacional de Saúde de 2019 indicou que a população LGBT+ adulta tem duas vezes mais chances de sofrer violência em comparação com indivíduos heterossexuais⁽⁷⁾. Essa violência se manifesta de diversas formas, incluindo abusos físicos, emocionais e sexuais, frequentemente agravadas pelo estigma social e pela discriminação. Além dos danos físicos, essas experiências comprometem diretamente a dignidade e a construção da identidade dos indivíduos, revelando aspectos estruturais de intolerância e exclusão⁽⁷⁾.

Neste contexto, justifica-se a necessidade urgente de compreender as adversidades enfrentadas pelos adolescentes autodeclarados como LGBT+ na infância, em um contexto social e cultural que frequentemente marginaliza essas populações, visto que essas adversidades podem impactar profundamente seu desenvolvimento psicológico, social e emocional. Ademais, a identificação e a mensuração dessas experiências são essenciais para embasar políticas públicas e estratégias de intervenção que promovam maior equidade, proteção e bem-estar para essa população vulnerável⁽⁸⁾.

Este estudo pode oferecer subsídios relevantes à prática assistencial em Enfermagem, ao propor a ampliação do olhar clínico para os fatores psicossociais que influenciam a saúde de adolescentes LGBT+. A consideração dessas adversidades pode favorecer a adoção de abordagens mais sensíveis, humanizadas e integrais, além de contribuir para o fortalecimento do papel dessa área na promoção da equidade, no enfrentamento da violência e na defesa dos direitos dessa população. O objetivo deste artigo foi identificar as prevalências das adversidades vivenciadas na infância entre os escolares autodeclarados LGBT+, incluindo abuso físico, emocional e sexual, negligência, exposição à violência familiar e comunitária, perda parental, separação dos pais, convivência com pessoas com transtornos mentais, dependência química ou histórico de encarceramento, conforme os domínios avaliados pelo ACE-IQ⁽⁹⁾.

■ MÉTODO

Delineamento do estudo

Trata-se de um estudo transversal, de natureza descritiva, fundamentado na Pesquisa Estadual de Saúde do Adolescente Capixaba (PESC), o qual foi realizado em 63 escolas das redes pública e privada de ensino médio, localizadas na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), Espírito Santo. Os dados foram coletados entre março e dezembro de 2023, sendo esse o período de realização do estudo.

População e Amostragem

A população do estudo foi composta por estudantes de ensino médio da RMGV, tendo como premissa a representatividade por rede e município. Os municípios foram considerados como estratos garantindo a validade estatística da amostra. Valendo-se dos dados do INEP 2020⁽¹⁰⁾, a seleção da amostragem foi efetuada a nível de escolas, para seleção da amostragem com probabilidades desiguais em dois estágios. Isso significa que a seleção do primeiro estágio foi feita de acordo com proporção de estudantes em cada estrato: Rede pública e Rede privada. Foram calculados para cada estrato um *n* usando amostragem aleatória simples corrigidas para amostras complexas em um segundo momento usando SPSS 26, garantindo 95% de confiança e erro máximo de 5%. Para cada estrato de município, foram garantidos como parâmetros da amostra 95% de confiança e erro máximo de 10%. As estimativas do tamanho das amostras foram calculadas para obtenção do número total de estudantes necessários de modo a garantir a qualidade das estimativas em cada estrato. Com a listagem das escolas sorteadas, houve o contato com a direção da instituição para apresentação da pesquisa, e agendamento da coleta de dados.

A população do estudo maior foi composta por 4614 adolescentes, com idades entre 14 e 19 anos. Para o presente estudo foi feito um recorte de 949 alunos que se autodeclararam LGBT+ por meio do questionário utilizado durante a PESC, onde uma de suas variáveis incluía “Qual sua orientação Sexual?” (heterossexual, homossexual, bissexual, pansexual, outros – especificar). Foram considerados LGBT+ os participantes que não se identificaram como heterossexuais.

Crítérios de Inclusão e Exclusão

O critério de inclusão foi estar regularmente matriculado na rede de ensino pública ou privada da RMGV, cursando o ensino médio e pertencer ao grupo LGBT+. E o critério de exclusão foi a presença de déficits cognitivos que comprometessem a compreensão do questionário, garantindo a validade dos dados coletados.

Instrumento de pesquisa

O estudo avaliou as adversidades na infância no que tange a ocorrência até os 18 anos de vida dos seguintes abusos: sexual, emocional e físico, negligência emocional e física, conflitos familiares e violência comunitária evidenciados no Questionário Internacional de Experiências Adversas na Infância (EAI-QI), adaptado para uso no Brasil⁽¹¹⁾.

Variáveis de estudo

Dentre as variáveis socioeconômicas do presente estudo, foram consideradas a faixa etária (14 a 16 anos, 17 a 19 anos), a raça/cor (branca, preta, amarela, parda, indígena), a classificação socioeconômica (A, B1/B2, C/D/E), segundo o critério da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP)⁽¹¹⁾, responsável pela elaboração do Critério Brasil - um sistema de classificação socioeconômica amplamente utilizado em pesquisas e estudos populacionais no país. Consideraram-se, ainda, a religião (nenhuma, católica, evangélica, outros), e o padrão de residência dos pais (vivem juntos, não vivem juntos).

Procedimento de coleta

A coleta de dados foi realizada por meio de questionários eletrônicos, os quais foram preenchidos de forma autônoma pelos participantes em *tablets*. O sistema utilizado para a gestão dos dados foi o REDCAP® (Research Electronic Data Capture), garantindo a coleta organizada e eficiente das informações. Vale destacar que a coleta foi conduzida por uma equipe de pesquisadores qualificada, que passou por treinamento específico e foi supervisionada para garantir a precisão e a integridade dos dados obtidos durante o processo.

Análise dos dados

As análises estatísticas descritivas foram realizadas com a apresentação de frequências absolutas, relativas e intervalos de confiança de 95% (IC95%), utilizando o software Stata 17.0®.

Aspectos éticos

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo (parecer nº 5.900.370), em conformidade com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Todos os participantes, ou seus responsáveis legais, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

RESULTADOS

A caracterização de escolares autodeclarados como LGBT+ demonstra um predomínio de adolescentes de 14 a 16 anos (56,1%; IC95%: 52,9-59,2), de raça/cor preta e parda (57,2%), pertencentes à classe B (44,7%; IC95%: 41,6-47,9), sem religião (45,2%; IC95%: 42,1-48,4), e os pais não vivem juntos (55%; IC95%: 51,8-58,1) (Tabela 1).

Observa-se que 55,2% (IC95%51,9-58,4) dos adolescentes autodeclarados como LGBT+ relataram ter sido agredidos fisicamente pelos pais, responsáveis ou pessoas que moravam em sua casa, com chutes, socos ou surras, e, cerca de 21% (IC95%18,3-23,6) indicaram ter sido feridos com objetos como varas, facas ou chicotes. No que se refere ao abuso emocional na infância, 78,6% (IC95%75,8-81,2) afirmaram que já ter sofrido por parte de seus pais ou alguém que morava em sua casa gritos, berros, insultos e humilhações, e 43,6% (IC95%40,4-46,8) relataram ameaças de abandono ou expulsão de casa. Em relação ao abuso sexual, cerca de 50% (IC95%46,5-53,1) dos escolares relataram ter sido tocados de maneira sexual sem consentimento, sendo os principais perpetradores conhecidos (40,8%; IC95%36,2-45,5), seguidos dos familiares (32,3%; IC95%28,0-36,8). Somado a isso, 24,2% (IC95%21,5-27,1) relataram ter sido forçados a

tocar outra pessoa de forma sexual, com o agressor sendo, na maioria dos casos, um familiar (43,2%; IC95%36,7-50,0) ou uma pessoa conhecida (39,4%; IC95%33,1-46,2). A tentativa de sexo não consensual foi relatada por 18,4% (IC95%16,0-21,1) dos adolescentes, com maior frequência por pessoas conhecidas (44,8%; IC95%37,3-52,5) e familiares (35,6%; IC95%28,6-43,3). Já a ocorrência de sexo forçado foi relatada por 12,5% (IC95%21,5-27,1), sendo os agressores majoritariamente conhecidos (47,7%; IC95%38,4-57,2) e familiares (38,5%; IC95%29,8-48,1) (Tabela 2).

De acordo com a Tabela 3, 17,3% (IC95%15,0-19,9) dos escolares autodeclarados LGBT+ relataram que seus pais ou responsáveis não compreendiam seus problemas e preocupações, e, aproximadamente 7% (IC95%5,2-8,4) afirmaram que seus responsáveis não sabiam o que faziam no tempo livre fora da escola ou do trabalho. Em relação à negligência física, 15,9% (IC95%13,7-18,5) relataram não receber comida suficiente, apesar da capacidade dos responsáveis de fornecer alimentação adequada, e, 25,8% (IC95%23,1-28,8) indicaram que seus responsáveis ficavam embriagados ou sob efeito de drogas enquanto cuidavam deles, ainda, 20,6% (IC95%18,0-23,3) informaram que seus pais e/ou responsáveis não lhe mandavam para a escola, mesmo que tivessem a obrigação de fazer isso.

Tabela 1. Características socioeconômicas dos escolares autodeclarados LGBT+, na Região Metropolitana da Grande Vitória, Espírito Santo, Brasil, 2023.

Variável	N*	%†	IC95%‡
Idade			
14 a 16	532	56,1	52,9-59,2
17 a 19	416	43,9	40,8-47,1
Raça/Cor			
Branca (o)	380	40,0	36,9-43,2
Preta (o)	175	18,4	16,0-21,0
Amarela (o)	15	1,5	0,9-0,2
Parda (o)	369	38,8	35,8-42,0
Indígena	10	1,0	0,05-1,9

Tabela 1. Cont.

Variável	N*	%†	IC95%‡
Classificação Socioeconômica			
A	154	16,2	14,5-18,0
B1/B2	424	44,7	41,6-47,9
C/D/E	370	39,0	36,0-42,2
Religião			
Nenhuma	429	45,2	42,1-48,4
Católica	167	17,6	15,3-20,2
Evangélica	215	22,7	20,1-25,4
Outros	138	14,5	12,4-16,9
Padrão de residência dos pais			
Vivem juntos	424	45,0	42,0-48,2
Não vivem juntos	518	55,0	51,8-58,1

Fonte: produção do próprio autor.

*Frequência absoluta, †prevalência. ‡intervalo de confiança de 95%

Tabela 2. Prevalência de abuso físico, emocional e sexual na infância entre os escolares autodeclarados como LGBT+, na Região Metropolitana da Grande Vitória, Espírito Santo, Brasil, 2023.

Variável	N*	%†	IC95%‡
Abuso Físico			
Algum de seus pais ou responsáveis ou alguém que morava na sua casa bateu, chutou, socou ou surrou você?			
Não	408	44,8	41,6-48,1
Sim	502	55,2	51,9-58,4
Algum de seus pais ou responsáveis ou alguém que morava na sua casa agrediu ou cortou você com algum objeto, como uma vara (ou bengala), garrafa, porrete, faca, chicote, ou algum outro objeto?			

Tabela 2. Cont.

Variável	N*	%†	IC95%‡
Não	713	79,1	76,4-81,7
Sim	188	20,9	18,3-23,6
Abuso Emocional			
Algum de seus pais ou responsáveis ou alguém que morava na sua casa gritou, berrou, xingou, insultou ou humilhou você?			
Não	193	21,4	18,8-24,2
Sim	710	78,6	75,8-81,2
Algum de seus pais ou responsáveis ou alguém que morava na sua casa ameaçou abandonar ou expulsar você de casa, ou de fato fez isso?			
Não	513	56,4	53,2-59,6
Sim	396	43,6	40,4-46,8
Abuso Sexual			
Algum de seus pais ou responsáveis ou alguém que morava na sua casa ou algum conhecido ou desconhecido tocou ou acariciou você de uma forma sexual sem que você quisesse?			
Não	437	50,2	46,9-53,5
Sim	434	49,8	46,5-53,1
Essa pessoa foi:			
Familiar	140	32,3	28,0-36,8
Pessoa conhecida	177	40,8	36,2-45,5
Pessoa desconhecida	88	20,3	16,7-24,3
Não quis responder	29	6,7	4,7-9,5
Algum de seus pais ou responsáveis ou alguém que morava na sua casa ou algum conhecido ou desconhecido fez com que você tocasse o corpo dele(a) de uma forma sexual sem que você quisesse fazer isso?			
Não	668	75,8	72,9-78,5
Sim	213	24,2	21,5-27,1

Tabela 2. Cont.

Variável	N*	%†	IC95%‡
Essa pessoa foi:			
Familiar	92	43,2	36,7-50,0
Pessoa conhecida	84	39,4	33,1-46,2
Pessoa desconhecida	22	10,3	6,9-15,2
Não quis responder	15	7,0	4,3-11,4
Algum de seus pais ou responsáveis ou alguém que morava na sua casa ou algum conhecido ou desconhecido tentou fazer sexo oral, anal ou vaginal com você sem que você quisesse?			
Não	722	81,6	78,9-84,0
Sim	163	18,4	16,0-21,1
Essa pessoa foi:			
Familiar	58	35,6	28,6-43,3
Pessoa conhecida	73	44,8	37,3-52,5
Pessoa desconhecida	19	11,7	7,5-17,6
Não quis responder	13	8,0	4,7-13,3
Algum de seus pais ou responsáveis ou alguém que morava na sua casa ou algum conhecido ou desconhecido já fez sexo oral, anal ou vaginal com você sem que você quisesse?			
Não	765	87,5	72,9-78,5
Sim	109	12,5	21,5-27,1
Essa pessoa foi:			
Familiar	42	38,5	29,8-48,1
Pessoa conhecida	52	47,7	38,4-57,2
Pessoa desconhecida	7	6,4	3,1-13,0
Não quis responder	8	7,3	3,7-14,1

Fonte: produção do próprio autor.

*Frequência absoluta, †prevalência. ‡intervalo de confiança de 95%

Tabela 3. Prevalência de negligência emocional e física na infância entre os escolares autodeclarados como LGBTQ+, na Região Metropolitana da Grande Vitória, Espírito Santo, Brasil, 2023.

Variável	N*	%†	IC95%‡
Negligência Emocional			
Seus pais/responsáveis compreendiam seus problemas e preocupações?			
Não	153	17,3	15,0-19,9
Sim	731	82,7	80,1-85,0
Seus pais/responsáveis realmente sabiam o que você estava fazendo no seu tempo livre, quando não estava na escola ou no trabalho?			
Não	60	6,6	5,2-8,4
Sim	846	93,4	91,6-94,8
Negligência Física			
Seus pais/responsáveis não lhe davam comida suficiente, mesmo que pudessem facilmente oferecer um alimento para você?			
Não	754	84,1	81,5-86,3
Sim	143	15,9	13,7-18,5
Seus pais/responsáveis ficavam muito embriagados ou sob o efeito de drogas quando cuidavam de você?			
Não	660	74,2	71,2-76,9
Sim	230	25,8	23,1-28,8
Seus pais/responsáveis não lhe mandavam para a escola, mesmo que tivessem a obrigação de fazer isso?			
Não	723	79,5	76,7-82,0
Sim	187	20,6	18,0-23,3

Fonte: produção do próprio autor.

*Frequência absoluta, †prevalência, ‡intervalo de confiança de 95%

Observa-se que 78,8% (IC95%76,0-81,4) dos participantes da pesquisa presenciaram gritos, insultos ou humilhações dentro de casa, enquanto 39,6% (IC95%36,4-42,8) testemunharam abusos físicos, como tapas, chutes ou socos. Além disso, 22,8% (IC95%20,2-25,7) relataram ter visto algum membro da casa ser ferido com objetos como varas, facas ou garrafas. Quanto ao ambiente familiar, verifica-se que 3 em cada 10 (33,3%; IC95%30,3-36,5) adolescentes autodeclarados LGBTQ+ afirmaram ter morado com alguém que tinha problemas com álcool ou drogas, e 21,2% (IC95%18,6-24,0) relataram conviver com alguém que já havia sido preso. Ademais, 39,8% (IC95%36,6-43,1) moravam com uma pessoa que sofria de depressão, doença mental ou tinha intenção suicida. Sobre separação ou divórcio parental, 57,4% dos entrevistados afirmaram ter passado por essa situação, enquanto 42,6% não. Por fim, a morte de um dos pais ou responsáveis foi reportada por 10,4% dos participantes,

enquanto 89,6% não enfrentaram essa perda durante o período analisado (Tabela 4).

A prevalência de violência na comunidade entre os escolares autodeclarados como LGBTQ+ no Espírito Santo indicou que 45,1% (IC95%41,9-48,3) presenciaram espancamentos fora de casa, enquanto 28,4% (IC95%25,5-31,4) relataram ter visto alguém ser esfaqueado ou baleado e 43,9% (IC95%40,7-47,4) testemunharam ameaças com faca ou arma de fogo. Em relação ao impacto desses eventos, 15,7% (IC95%13,4-18,2) afirmaram ter sido forçados a mudar de residência, e 11,1% (IC95%9,2-13,3) vivenciaram a destruição proposital de suas casas. Casos de violência direta foram menos frequentes, com 4,2% (IC95%3,0-5,7) relatando ter sido espancados por soldados, policiais, milicianos, gangues ou traficantes de drogas. No entanto, 29,1% (IC95%26,3-32,2) afirmaram que um amigo ou familiar foi morto ou agredido nessas circunstâncias. (Tabela 5).

Tabela 4. Prevalência de conflitos familiares na infância entre os escolares autodeclarados como LGBTQ+, na Região Metropolitana da Grande Vitória, Espírito Santo, Brasil, 2023.

Variável	N*	%†	IC95%‡
Você viu ou ouviu alguém que morava na sua casa recebendo gritos ou berros, ou sendo xingado, insultado ou humilhado?			
Não	190	21,2	18,6-24,0
Sim	708	78,8	76,0-81,4
Você viu ou ouviu alguém que morava na sua casa sendo estapeado, chutado, socado ou surrado?			
Não	541	60,5	57,2-63,6
Sim	354	39,6	36,4-42,8
Você viu ou ouviu alguém que morava na sua casa ser agredido ou cortado com algum objeto, como uma vara (ou bengala), garrafa, porrete, faca, chicote, ou algum outro objeto?			
Não	694	77,2	74,3-79,8
Sim	205	22,8	20,2-25,7
Você morou com alguém que tinha problemas com álcool ou era alcoólatra, ou que abusava de drogas ilícitas ou de medicamentos controlados?			
Não	594	66,7	63,5-69,7
Sim	297	33,3	30,3-36,5

Tabela 4. Cont.

Variável	N*	%†	IC95%‡
Você morou com alguém que alguma vez tenha sido levado para a cadeia ou mandado para a prisão?			
Não	711	78,8	76,0-81,4
Sim	191	21,2	18,6-24,0
Você morou com alguém que estava deprimido, ou tinha alguma doença mental ou intenção suicida?			
Não	537	60,2	56,9-63,3
Sim	355	39,8	36,6-43,1
Nesse período (até a sua idade atual) seus pais alguma vez se separaram ou se divorciaram?			
Não	355	42,6	39,3-46,0
Sim	478	57,4	54,0-60,7
Sua mãe, pai ou responsável faleceram (nesse período)?			
Não	808	89,6	87,4-91,4
Sim	94	10,4	8,6-12,6

Fonte: produção do próprio autor.

*Frequência absoluta, †prevalência, ‡intervalo de confiança de 95%

Tabela 5. Prevalência de violência na comunidade entre os escolares autodeclarados como LGBT+, na Região Metropolitana da Grande Vitória, Espírito Santo, Brasil, 2023.

Variável	N*	%†	IC95%‡
Você viu ou ouviu alguém sendo espancado (presencialmente fora de casa)?			
Não	498	54,9	51,7-58,1
Sim	409	45,1	41,9-48,3

Tabela 5. Cont.

Variável	N*	%†	IC95%‡
Você viu ou ouviu alguém sendo esfaqueado ou levando um tiro (presencialmente fora de casa)?			
Não	649	71,6	68,6-74,5
Sim	257	28,4	25,5-31,4
Você viu ou ouviu alguém ser ameaçado(a) com uma faca ou arma de fogo (presencialmente fora de casa)?			
Não	510	56,1	52,9-59,3
Sim	399	43,9	40,7-47,4
Você foi forçado(a) a ir viver em outro lugar devido a algum desses acontecimentos?			
Não	764	84,3	81,8-86,6
Sim	142	15,7	13,4-18,2
Você vivenciou a destruição proposital da sua casa devido a algum desses eventos?			
Não	802	88,9	86,7-90,8
Sim	100	11,1	9,2-13,3
Você foi espancado(a) por soldados, policiais, milicianos, gangues ou traficantes de drogas?			
Não	875	95,8	94,3-97,0
Sim	38	4,2	3,0-5,7
Algum familiar ou amigo(a) foi morto(a) ou espancado(a) por soldados, policiais, milicianos, gangues ou traficantes de drogas?			
Não	632	70,9	67,8-73,7
Sim	260	29,1	26,3-32,2

Fonte: produção do próprio autor.

*Frequência absoluta, †prevalência. ‡intervalo de confiança de 95%

DISCUSSÃO

Este estudo identificou altas prevalências de adversidades na infância entre adolescentes autodeclarados como LGBT+, com destaque para abuso emocional (78,6%), abuso físico (55,2%) e abuso sexual (49,8%). Também foram frequentes a exposição à violência familiar (78,8%), separação ou divórcio dos pais (57,4%), convivência com pessoas com transtornos mentais (39,8%) e histórico de prisão (21,2%). Em relação à comunidade, 45,1% relataram ter presenciado espancamentos fora de casa. Esses achados indicam a elevada carga de vivências adversas enfrentadas por essa população durante a infância e a adolescência.

Os dados revelam uma alta prevalência de violência física intrafamiliar entre adolescentes LGBT+, com 55,2% relatando ter sido agredidos com chutes, socos ou surras por pais, responsáveis ou pessoas com quem convivem. Essa frequência é semelhante à encontrada em outro estudo sobre violência intrafamiliar entre adolescentes escolares, que apontou uma taxa de 53% de relatos de agressões físicas⁽¹²⁾.

Ainda, aproximadamente 21% dos adolescentes LGBT+ relataram ter sido feridos com objetos como varas, facas ou chicotes. Na literatura, a prevalência desse tipo de agressão na população geral de adolescentes é consideravelmente menor, como se pode observar em um estudo realizado na cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, o qual identificou que 3,6% dos adolescentes relataram ter sido atacados ou apunhalados com uma faca⁽¹³⁾. Esses dados sugerem que adolescentes LGBT+ podem estar mais vulneráveis a formas graves de violência física.

Os achados da presente pesquisa indicam uma prevalência alarmante de vitimização emocional entre adolescentes LGBT+, com 79% relatando ter sido alvo de gritos, insultos e humilhações, uma taxa consideravelmente superior à encontrada na população geral. Comparativamente, uma pesquisa apontou que a violência emocional representa cerca de 43% dos casos de maus-tratos contra crianças e adolescentes no Brasil⁽¹⁴⁾, enquanto outra identificou uma prevalência de 32,6% de negligência emocional⁽¹⁵⁾.

A maior exposição de adolescentes LGBT+ a esses tipos de abuso evidencia sua vulnerabilidade específica no ambiente familiar e social. O abuso emocional, frequentemente associado à rejeição parental e ao estigma social, pode ter efeitos devastadores na infância e na adolescência, contribuindo para altos níveis de estresse, baixa autoestima, depressão e ansiedade⁽⁶⁾. Contudo, a falta de compreensão por parte dos responsáveis (relatada por 17,3% dos adolescentes) e a ausência de supervisão sobre suas atividades (7%) reforçam um contexto de negligência que pode agravar sentimentos de isolamento e insegurança.

Também, 43,6% dos participantes desta pesquisa relataram ter sido ameaçados de abandono ou expulsão de casa. Esse dado é alarmante, pois adolescentes em situação de abandono enfrentam riscos aumentados de abuso de substâncias, vitimização e transtornos de saúde mental⁽¹⁶⁾.

Em relação à prevalência de abuso sexual, aproximadamente 50% dos escolares LGBT+ relataram ter sido tocados de maneira sexual sem consentimento. Esse percentual é consideravelmente alto mesmo quando comparado a estudos realizados com adolescentes da população geral. Em um estudo com estudantes do ensino médio de uma cidade da Bahia, por exemplo, a prevalência de abuso sexual foi de 22,8%, independentemente da orientação sexual⁽¹⁵⁾, o que reforça a maior vulnerabilidade do grupo LGBT+. Da mesma forma, um estudo internacional conduzido na Alemanha revelou que 18,2% dos entrevistados sofreram abuso sexual durante a infância ou adolescência⁽¹⁷⁾.

A violência sexual contra indivíduos LGBT+ é amplamente influenciada por normas sociais que desvalorizam essas identidades, contribuindo para a normalização da violência e a marginalização das vítimas⁽¹⁸⁾. Ademais, o estigma associado à vitimização sexual pode ter impactos severos sobre indivíduos LGBT+, levando à autculpa, vergonha e internalização da homofobia ou transfobia, o que pode agravar o sofrimento psicológico e dificultar a recuperação⁽¹⁹⁾.

A tentativa de sexo não consensual foi relatada por 18,4% dos adolescentes LGBT+, sendo os principais agressores pessoas conhecidas (44,8%) e familiares (35,6%). Já a ocorrência de sexo forçado foi mencionada por 12,5%, com agressores também majoritariamente conhecidos (47,7%) ou familiares (38,5%). Os principais perpetradores do abuso sexual entre adolescentes LGBT+ foram pessoas conhecidas (40,8%), seguidas por familiares (32,3%). Além disso, 24,2% relataram ter sido forçados a tocar outra pessoa de forma sexual, sendo os agressores, geralmente, familiares (43,2%) ou pessoas conhecidas (39,4%). Esse cenário reflete um padrão também identificado na população geral, em que 81,6% dos abusos sexuais contra crianças e adolescentes ocorreram na residência da vítima, sendo que 63,1% (meninas) e 76,7% (meninos) conheciam seus agressores⁽²⁰⁾. De forma semelhante, um estudo que analisou a violência sexual contra crianças e adolescentes entre 2014 e 2016 no município de Belém – PA apontou que, entre as meninas, os principais perpetradores eram homens conhecidos da família (43,34%), enquanto entre os meninos, em 59% dos casos, os agressores eram pessoas conhecidas da vítima, independentemente da faixa etária⁽²¹⁾.

Em relação à negligência física, 15,9% dos participantes relataram não receber comida suficiente, apesar da capacidade dos responsáveis de fornecer alimentação adequada.

Ademais, 25,8% indicaram que seus responsáveis ficavam embriagados ou sob efeito de drogas enquanto cuidavam deles, e 20,6% disseram que seus pais e/ou responsáveis não os mandavam para a escola, mesmo tendo essa obrigação. Esses achados são consistentes com o estudo que identificou uma prevalência de 20,7% de negligência física na adolescência por parte dos pais ou responsáveis⁽¹⁵⁾, um valor semelhante ao observado entre os adolescentes LGBT+ do presente estudo.

Observa-se que 78,8% dos participantes da pesquisa presenciaram gritos, insultos e humilhações dentro de casa, enquanto 39,6% testemunharam agressões físicas, como tapas, chutes ou socos. Somado a isso, 22,8% relataram ter visto algum membro da família ser ferido com objetos como varas, facas ou garrafas. Nesse contexto, uma revisão sistemática com meta-análise envolvendo 116 estudos identificou que a prevalência global combinada da exposição infantil à violência física doméstica, como testemunha, é de 16,5%, sendo as maiores taxas observadas na Ásia Ocidental e na África (38,3%)⁽²²⁾. A exposição de crianças e adolescentes à violência doméstica é um problema global, com variações regionais e socioeconômicas significativas. O impacto na saúde mental é profundo, aumentando os riscos de distúrbios psicológicos e labilidade afetiva^(1,2).

Quanto ao ambiente familiar, verificou-se que 3 em cada 10 adolescentes autodeclarados LGBT+ (33,3%) afirmaram ter morado com alguém que tinha problemas com álcool ou drogas. De forma semelhante, um estudo brasileiro identificou que 33,9% dos adolescentes da população geral relataram viver com familiares que tinham problemas com álcool⁽²³⁾. Evidências sugerem que adolescentes que convivem com pais ou responsáveis usuários de substâncias apresentam maior probabilidade de desenvolver problemas comportamentais, como evasão escolar e envolvimento em brigas, além de sofrerem com transtornos psicológicos, incluindo ansiedade e depressão⁽²⁴⁾.

O achado de que 21,2% dos adolescentes LGBT+ vivem com alguém que foi preso reforça a necessidade de compreender os impactos do encarceramento no bem-estar desses jovens. A dinâmica familiar e os estilos parentais desempenham um papel crucial na forma como essa realidade afeta seu desenvolvimento, podendo tanto mitigar quanto amplificar suas consequências⁽²⁵⁾. O encarceramento de um membro da família está associado a mudanças na estrutura e nas relações familiares, muitas vezes resultando em instabilidade emocional, insegurança financeira e aumento da carga de responsabilidades para os adolescentes⁽²⁵⁾.

O percentual de adolescentes LGBT+ que relataram ter morado com alguém que sofria de depressão, doença mental ou tinha intenção suicida (39,8%) é significativamente

elevado quando comparado a dados populacionais. Em um estudo realizado na Irlanda do Norte, verificou-se que 13,7% dos adolescentes vivem com pais que apresentam problemas de saúde mental. Esse mesmo estudo identificou que 11,6% dos próprios adolescentes tinham transtornos mentais e 0,1% faleceram por suicídio⁽²⁶⁾. Adolescentes expostos a problemas de saúde mental apenas por meio dos pais, apenas dos amigos ou de ambos apresentaram níveis mais elevados de depressão e ansiedade em comparação com aqueles sem essa exposição⁽²⁷⁾.

A prevalência de ausência parental, pais divorciados ou responsáveis falecidos, foi de 57,4% e 10,4%, respectivamente. Em um contexto geral, no Brasil, a realidade é sobretudo atrelada a ausência da figura paterna. De acordo com o levantamento da Central Nacional de Informações do Registro Civil (CRC), em 2020, 6,31% das crianças foram registradas apenas com o nome das mães nas certidões de nascimento⁽²⁸⁾. A ausência dos pais na infância e na adolescência pode ter consequências de longo alcance para o desenvolvimento da criança, afetando os resultados cognitivos, emocionais, sociais e comportamentais e, somado a isso, a ausência de figuras de referência pode comprometer a construção da identidade e da autoestima, aumentando a suscetibilidade a contextos de violência e exclusão social⁽¹⁶⁾.

Ao se analisar a violência na comunidade, constatou-se que, entre os escolares autodeclarados como LGBT+, 45,1% presenciaram espancamentos fora de casa, 28,4% relataram ter visto alguém ser esfaqueado ou baleado, e 43,9% testemunharam ameaças com faca ou arma de fogo. Comparando com a população geral, um estudo identificou que 55,1% dos adolescentes já presenciaram agressões físicas, como tapas e socos, cometidas por alguém de fora da família, enquanto 21,4% testemunharam uma pessoa ser baleada, 12,8% presenciaram ataques com faca e 32,5% viram uma pessoa ser ameaçada com grave dano físico⁽¹³⁾, esses achados reforçam a alta exposição dos adolescentes à violência comunitária.

Em relação ao impacto desses eventos, cerca de 16% dos participantes afirmaram ter sido forçados a mudar de residência, enquanto 11% vivenciaram a destruição proposital de suas casas. No Brasil, o deslocamento forçado não é impulsionado apenas por projetos de grande escala, mas também pela violência crônica nas famílias e comunidades⁽²⁹⁾. Adolescentes frequentemente se veem no fogo cruzado do tráfico de drogas, conflitos armados e disputas entre gangues, o que muitas vezes leva à necessidade de realocação para garantir sua segurança e, também a violência intrafamiliar muitas vezes força os adolescentes a deixarem suas casas em busca de segurança e proteção⁽³⁰⁾.

Enquanto 4,2% dos adolescentes LGBT+ relataram ter sido espancados por agentes estatais ou grupos armados,

um estudo encontrou uma prevalência maior de perseguição por gangues ou pessoas mais velhas (16,1%) entre adolescentes em geral⁽¹³⁾. Essa diferença pode indicar que, embora a violência direta contra adolescentes LGBTQ+ seja numericamente menor, ela pode ter características específicas, como estar relacionada a motivações discriminatórias.

Casos de violência direta foram menos frequentes, com 4,2% dos adolescentes LGBTQ+ relatando ter sido espancados por soldados, policiais, milicianos, gangues ou traficantes de drogas, enquanto 29,1% afirmaram que um amigo ou familiar foi morto ou agredido nessas circunstâncias. Em comparação foi identificado que 16,1% dos adolescentes relataram ter sido perseguidos por gangues ou pessoas mais velhas, e 38,2% testemunharam alguém sendo perseguido nessas condições⁽¹³⁾. Essa diferença pode indicar que, embora a violência direta contra adolescentes LGBTQ+ seja numericamente menor, ela pode ter características específicas, como estar relacionada a motivações discriminatórias.

É importante salientar as limitações inerentes ao desenho do estudo, especialmente a possibilidade de vieses de memória e informação. Além disso, destaca-se como limitação a não realização de análises multivariadas, que poderiam explorar associações entre os desfechos investigados e as características socioeconômicas dos participantes. Esta decisão foi tomada considerando o caráter exploratório da pesquisa e o objetivo principal de descrever a prevalência das adversidades na infância entre adolescentes LGBTQ+. Recomenda-se que estudos futuros aprofundem essas relações com análises mais complexas.

No entanto, a relevância da pesquisa vai além dessas limitações, uma vez que há um número reduzido de estudos focados na população LGBTQ+ adolescente. A inclusão de uma amostra abrangente, composta por estudantes de escolas públicas e privadas, fortalece a representatividade dos achados, enquanto o uso de questionários autoaplicados favorece maior confidencialidade e precisão nas respostas. Esses resultados contribuem significativamente para preencher lacunas no conhecimento sobre a violência nessa população, fornecendo evidências fundamentais para embasar políticas públicas, estratégias de prevenção e ações de apoio a vítimas.

■ CONCLUSÃO

Este estudo evidenciou que adolescentes autodeclarados LGBTQ+ apresentam altas prevalências de adversidades na infância, com destaque para abuso emocional (78,6%), físico (55,2%) e sexual (49,8%). De forma complementar, a exposição à violência extrapola o ambiente domiciliar, com 45,1% dos

adolescentes relatando ter presenciado espancamentos fora de casa e 21,2% convivendo com alguém que já foi preso.

Esses achados reforçam a vulnerabilidade dessa população e a necessidade de medidas específicas para mitigar os impactos dessas experiências ao longo da vida. A alta prevalência de abuso emocional e a violência familiar ressaltam a importância de estratégias de proteção, como programas de suporte psicossocial e políticas públicas inclusivas voltadas à redução da exposição a essas adversidades. A escola deve ser fortalecida como um espaço seguro e acolhedor, garantindo proteção e suporte para adolescentes LGBTQ+ que enfrentam essas realidades.

Os resultados deste estudo contribuem para a ampliação do conhecimento sobre as adversidades enfrentadas por adolescentes LGBTQ+ no Brasil, fornecendo subsídios para a formulação de políticas públicas baseadas em evidências. Futuras pesquisas devem aprofundar a compreensão dos impactos dessas experiências na saúde mental, no desempenho acadêmico e na inserção social dessa população, buscando intervenções eficazes para minimizar os danos e promover maior equidade e bem-estar.

■ REFERÊNCIAS

1. Maury CT. História de adversidade na infância e resiliência: relação com a sintomatologia psicopatológica na adultez de ansiedade, depressão e somatização [Dissertação]. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; 2023.
2. Ferreira GV, Souza JN, Lima RP, Oliveira TS. Impactos dos eventos adversos da infância na saúde mental na vida adulta. *Rev UNIFE*. 2024;1(31):1–10.
3. Levisky DL. Adolescência: reflexões psicanalíticas. São Paulo: Editora Blucher; 2025.
4. Adjei NK, Jonsson KR, Opoku-Ware J, Yaya S, Chen Y, Bennett D, et al. Impact of family childhood adversity on risk of violence and involvement with police in adolescence: findings from the UK Millennium Cohort Study. *J Epidemiol Community Health*. 2025;jech-223168. <https://doi.org/10.1136/jech-2024-223168>
5. Carvalho SS. As experiências adversas na infância e sua relação com o desenvolvimento biopsicossocial da criança/adolescente: uma revisão bibliográfica. *Seven Editora*. 2023;251–77. <https://doi.org/10.56238/sevedi76016v22023-019>
6. Mills-Koonce W, Bracy M, Frederick H, Hall W, Lippold M, Riger D. Sexual orientation: LGBTQ adolescent health and well-being. In: *Encyclopedia of Child and Adolescent Health*. Elsevier; 2023. p.124–34. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-818872-9.00179-5>
7. Vasconcelos NM, Alves FT, Andrade GN, Pinto IV, Soares Filho AM, Pereira CA, et al. Violence against LGB+ people in Brazil: analysis of the 2019 National Survey of Health. *Rev Bras Epidemiol*. 2023;26(suppl 1). <https://doi.org/10.1590/1980-549720230005.supl.1>
8. Mersky JP, Lee CP, Hami D. Adverse childhood experiences and sexual orientation: an intersectional analysis of nationally representative data. *Am J Prev Med*. 2023. <https://doi.org/10.1016/j.amepre.2023.10.015>

9. Felitti VJ, Anda RF, Nordenberg D, Williamson DF, Spitz AM. Relationship of childhood abuse and household dysfunctions to many of the leading causes of death in adults: the adverse childhood study. *Am J Prev Med.* 1998;14(4):245–58. [https://doi.org/10.1016/s0749-3797\(98\)00017-8](https://doi.org/10.1016/s0749-3797(98)00017-8)
10. Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP). Alterações na aplicação do Critério Brasil, válidas a partir de 01/06/2022 [Internet]. São Paulo: ABEP; 2022[cited 2024 Dec 10]. Available from: https://abep.org/wp-content/uploads/2024/09/01_ccbe_2022.pdf
11. Pereira FG, Viana MC. Adaptação transcultural do Adverse Childhood Experiences International Questionnaire. *Rev Saúde Pública.* 2021;55:79. <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2021055003140>
12. Lima CCO, Martins RD, Gomes NP, Cruz MA, Gomes NR, Silva KK, et al. Violência intrafamiliar presenciada e experimentada por estudantes adolescentes. *Cogitare Enferm.* 2022;27:e84185. <https://doi.org/10.5380/ce.v27i0.84185>
13. Benetti SP. Violência comunitária, exposição às drogas ilícitas e envolvimento com a lei na adolescência. *Psico* [Internet]. 2006[cited 2024 Dec 10];37(3):7. Available from: <https://cetadobserva.ufba.br/pt-br/publicacoes/violencia-comunitaria-exposicao-drogas-ilicitas-e-envolvimento-com-lei-na-adolescencia>
14. Campos ALF, Gomes CS. Child abuse and adolescence in Brazil in the past 10 years. *Int J Sci Res.* 2022;73–5. <https://doi.org/10.36106/ijsr/2725527>
15. Meira TM. Prevalência e tipos de maus-tratos na infância e adolescência na região de Guanambi-BA. *Rev Contemp.* 2025;5(2):e7423–e7423. <https://doi.org/10.56083/RCV5N2-031>
16. Lima LLS, Monteiro AV. Abandono afetivo paterno: as consequências de um pai ausente na fase infanto juvenil. *Rev Contemp.* 2024;4(11):1–16. <https://doi.org/10.56083/RCV4N11-051>
17. Hoell A, Kourmpeli E, Dölling D, Horten B, Meyer-Lindenberg A, Dressing H. Going beyond the known: pilot study on prevalence, situational context and consequences of sexual abuse of children and adolescents in Germany. *Psychiatr Prax.* 2022. <https://doi.org/10.1055/a-1960-4795>
18. McCann D. Understanding the nature and impact of sexual violence and abuse in the lives of lesbians, gay men, bisexuals, and transgender individuals and couples. *Couple Fam Psychoanal.* 2024;14(1):46–58. <https://doi.org/10.33212/cfp.v14n1.2024.46>
19. Farmer HF, Byrne JEM, Mussap AJ. The role of gender and sexuality in the experience, internalization, and mental health correlates of sexual victimization stigma. *J Interpers Violence.* 2024;8862605241246798. <https://doi.org/10.1177/08862605241246798>
20. Platt VB, Back IC, Hauschild DB, Guedert JM. Violência sexual contra crianças: autores, vítimas e consequências. *Ciênc Saúde Colet.* 2018;23:1019–31. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018234.11362016>
21. Ferraz MMP, Xavier MM, Cabral VIR. Violência sexual contra crianças e adolescentes: análise das notificações a partir do debate sobre gênero. *Desidades* [Internet]. 2021[cited 2025 Feb 23];(29):134–50. Available from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822021000100009&lng=pt&nrm=iso
22. Whitten T, Tzoumakis S, Green MJ, Dean K. Global prevalence of childhood exposure to physical violence within domestic and family relationships in the general population: A systematic review and proportional meta-analysis. *Trauma Violence Abuse.* 2023. <https://doi.org/10.1177/15248380231179133>
23. Pereira VC, Pimentel LF, Espínola LL, Azevedo EB, Filha MOF. Sofrimento psíquico em adolescentes que vivenciam alteração da dinâmica familiar em consequência do alcoolismo. *Rev Enferm UERJ.* 2016;23(6):838–44. <https://doi.org/10.12957/REUERJ.2015.21629>
24. Herrera JS, Oliveira FN, Santos RM, Lima CA. Abuso de substâncias psicoativas na adolescência: uma revisão de literatura. *Rev Trab Acad FAM.* 2021;6(1):1–10. <https://doi.org/10.37885/210203078>
25. Chaves LH, Ribeiro LML. Efeitos do encarceramento feminino nas dinâmicas familiares. *Anál Social.* 2021;56(1):30–55. <https://doi.org/10.31447/AS00032573.2021238.02>
26. O'Reilly D, Maguire A. Parental mental health and risk of poor mental health and death by suicide in offspring: a population-wide data-linkage study. *Int J Popul Data Sci.* 2018;3(4):151. <https://doi.org/10.1017/S2045796022000063>
27. Anderson JR, Nandy K, Fuller AK, Mayes TL, Brann S, Hughes JL, et al. Effects of mental illness exposure from parents and friends on adolescent mental health and well-being. *Psychiatr Ann.* 2023;53(5):228–35. <https://doi.org/10.3928/00485713-20230324-01>
28. Universidade Federal do Maranhão. Abandono paterno é a regra no Brasil [Internet]. 2024 [cited 2025 Feb 23]. Available from: <https://portalpadrao.ufma.br/tvufma/noticias/abandono-paterno-e-a-regra-no-brasil>
29. Instituto Igarapé. Migrantes invisíveis: a agenda esquecida da mobilidade forçada no Brasil [Internet]. 2018 [cited 2025 Feb 23]. Available from: <https://igarape.org.br/wp-content/uploads/2018/03/Migrantes-invis%C3%ADveis.pdf>
30. Ursin M. Militarized everyday lives, logics and responses among children and youth in a violent community in urban Brazil. *Childhood.* 2020;27(3):325–39. <https://doi.org/10.1177/09075682209083>

■ Disponibilidade de dados e material

O acesso ao conjunto de dados poderá ser realizado mediante solicitação ao autor correspondente.

■ Agradecimentos

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES) pelo apoio financeiro concedido por meio do Edital DI 016/2022 - SEG-SESD/FAPES, vinculado ao projeto “Levantamento do uso de drogas entre estudantes do ensino médio no Espírito Santo”.

■ Contribuição de autoria

Conceitualização: Micael Franco Alves; Franciele Marabotti Costa Leite.

Curadoria de dados: Micael Franco Alves; Franciele Marabotti Costa Leite.

Análise formal: Micael Franco Alves; Franciele Marabotti Costa Leite.

Aquisição de financiamento: Franciele Marabotti Costa Leite.

Metodologia: Micael Franco Alves; Franciele Marabotti Costa Leite.

Administração de projeto: Franciele Marabotti Costa Leite.

Desenvolvimento, implementação e teste de software: Micael Franco Alves; Franciele Marabotti Costa Leite.

Supervisão: Franciele Marabotti Costa Leite.

Validação de dados e experimentos: Micael Franco Alves; Franciele Marabotti Costa Leite.

Design da apresentação de dados: Micael Franco Alves; Franciele Marabotti Costa Leite.

Redação do manuscrito original: Micael Franco Alves.

Redação - revisão e edição: Micael Franco Alves; Franciele Marabotti Costa Leite.

Os autores declaram que não existe nenhum conflito de interesses.

■ Autor correspondente:

Franciéle Marabotti Costa Leite

E-mail: francielemarabotti@gmail.com

Recebido: 19.04.2025

Aprovado: 22.07.2025

Editor associado:

Ricardo de Mattos Russo Rafael

Editor-chefe:

João Lucas Campos de Oliveira